

RESENHAS

“Mulheres negras, ruralidades e recomeços em Mainha, de Nágila Oliveira”

Por.Camila.Oliveira¹

O conto “Mainha”, da escritora negra brasileira Nágila Oliveira dos Santos, presente na coletânea *Doce.feito.caju*, organizada por ela e por André dos Santos Silva, publicada pela editora Revista África e Africanidades (2024) é uma narrativa rica em memória, sensibilidade afetiva e elementos culturais do universo rural brasileiro. A história se ancora na figura de Mainha, mulher preta retinta, grandalhona, de voz suave e olhos miúdos, cuja vida é marcada pela força maternal e pela dor profunda da ausência do marido, o “painho”, que parte e nunca retorna.

Nágila Oliveira constrói um cenário rural detalhado, em que os quintais de cerca, o cajueiro e o chão de terra batida se tornam elementos simbólicos de memória, pertencimento e resistência. A autora ainda introduz o caixeiro-viajante, personagem que chega trazendo notícias e mercadorias, conectando o vilarejo ao mundo externo e desencadeando a reviravolta na vida de Mainha, ao revelar o destino do marido e abrir espaço para a independência econômica da protagonista.

A narrativa é permeada por elementos afro-brasileiros, que enriquecem o texto com camadas culturais e espirituais. Mainha saúda Bará (Exu) ao chegar à feira, inserindo a espiritualidade no cotidiano e demonstrando consciência da proteção ancestral no espaço público. Sua sanfona, companheira constante, funciona como instrumento de resistência e cultura musical rural negra, capaz de atrair a comunidade e transformar o espaço em um lugar de celebração. O vento que entra pela porta aberta atua como metáfora da espiritualidade e da presença ancestral que permeia a narrativa, reforçando o vínculo entre memória, corpo e cultura.

O conto também apresenta, com sensibilidade, os impactos emocionais e psicológicos da ausência do marido. Mainha vive um período de profunda tristeza, marcado por um quadro depressivo e isolamento, evidenciado pelo abandono das tarefas domésticas, o choro prolongado e o desinteresse pelas relações comunitárias. A pressão social para que ela se aproxime de outro homem e

¹ Graduada em Letras – UFBA.

encontre um novo casamento, diante da possibilidade de viuvez jovem, intensifica a solidão e o conflito interno da personagem, revelando o peso das expectativas sociais sobre mulheres negras em contextos rurais e patriarcais.

A transformação de Mainha se dá a partir da reconquista de sua autonomia econômica, ao investir as economias na produção e venda de doces de caju, farinha, sucos e outras iguarias na feira. Este percurso não apenas a devolve à vitalidade emocional, mas também a reconecta à comunidade e à sua própria história. A narrativa evidencia o poder de resiliência das mulheres negras: frente à dor, à pressão social e à vulnerabilidade econômica, Mainha encontra meios de criar uma vida de independência e dignidade, reforçando o caráter de resistência e engenhosidade do universo feminino negro rural.

O lirismo da escrita de Nágila Oliveira se manifesta nas metáforas sensoriais — a dor de Mainha como “maré cheia”, o perfume doce feito caju e a doçura das lembranças transmitidas à neta — e na atenção aos detalhes cotidianos, como a colheita do fruto, o uso da sanfona e o comércio na feira. A narrativa também atravessa gerações, mostrando a transmissão de saberes, afetos e tradições culturais, enquanto celebra a força da memória e a continuidade da vida.

Em síntese, “Mainha” é um conto que combina lirismo, afeto e crítica social. Nágila Oliveira dos Santos constrói uma narrativa sobre dor, resistência e emancipação, marcada pela presença de elementos afro-brasileiros, da cultura rural e das tensões de gênero e sociais. O percurso de Mainha, da depressão e do isolamento à autonomia econômica e à celebração da vida, transforma o cotidiano em espaço de poesia, resiliência e herança cultural.



Título: Doce feito caju
 Organização: Nágila Oliveira dos Santos e André Luiz dos Santos Silva
 Editora: Revista África e Africanidades
 Data da publicação: 2024
 Edição: 1ª
 Idioma: português
 Número de páginas: 92 páginas
 ISBN: 978-6584913523